

# ALENCAR E A REVISTA “QUESTÕES DO DIA”: LÍNGUA, LINGUAGEM LITERÁRIA, HISTÓRIA E RECEPÇÃO CRÍTICA

Vanessa Maria Pereira Calaçã (UFG- CAC), nescacalaca@hotmail.com<sup>1</sup>

Valdeci Rezende Borges (UFG-CAC), valdecirborges@terra.com.br<sup>2</sup>

Palavras-chave: José de Alencar, língua portuguesa, linguagem literária, recepção crítica.

## 1. Introdução

Esta pesquisa faz parte de um projeto maior, desenvolvido pelo professor Dr. Valdeci Rezende Borges, intitulado “Combates alencarianos por uma literatura brasileira: língua, linguagem e recepção crítica lusófona”. A proposta tem como finalidade discutir os embates travados por Alencar na defesa de uma literatura brasileira, na temática e na forma, produzida em língua portuguesa, mas em um português abrigado. Há poucas décadas o Brasil havia realizado sua Independência política em relação a Portugal e Alencar defendia que a missão da intelectualidade era contribuir para a formação de uma nacionalidade, construir uma identidade cultural para a nação. Assim, aspirava sua autonomia cultural e utilizava para isso a produção de uma literatura com marcas da dita “cor local”, a exemplo de uma linguagem própria, original, que afastasse da forma clássica e dos modelos portugueses. Linguagem que fosse capaz de “expressar o Brasil, original, atenta às línguas dos povos formadores da nação, ao linguajar brasileiro oferecido pelo povo e à língua pátria, portuguesa, transformada pelas mudanças sociais” que ocorreram em solo americano (BORGES, 2006, p. 67-72).

Nos anos de 2008 e 2009 ocorreram momentos importantes para a história da cultura brasileira. Nesse primeiro se celebrou 100 anos da morte do Machado de Assis, comemoração essa que contou com a promulgação, na Academia Brasileira de Letras, pelo presidente da república, do novo *Acordo Ortográfico* firmado entre os países da Língua Portuguesa. Já no segundo ano entrou em vigor o referido Acordo, constituindo mais um capítulo de uma

---

<sup>1</sup>Orientanda, graduanda em História pela Universidade Federal de Goiás, Campus Catalão, bolsista de Iniciação Científica (IC/CNPq).

<sup>2</sup> Orientador, professor Dr. do Departamento de História e Ciências Sociais da UFG\CAC, Pesquisador CNPq (PQ) – Bolsa Produtividade, NIESC – Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Estudos Culturais. Revisado pelo orientador.

história que possui longa data e que contou com a participação tanto de brasileiros quanto de portugueses.

José de Alencar foi um desses participantes e por isso é considerado “patriarca da literatura nacional” (MERQUIOR, 1979, p. 85). Se Machado de Assis aspirava um idioma fundado no povo falante e nos escritores, Alencar foi seu antecessor e árduo combatente na luta por uma literatura brasileira que empregasse a língua portuguesa transformada pelo uso do povo que a falava e pelos escritores.

Alencar entrou em confronto diretos com vários intelectuais, brasileiros e portugueses, na defesa de suas propostas e de seu fazer literário. Seu projeto e a defesa dele e de sua escritura romanesca foram expostos em vários posfácios, prefácios e pós-escritos, nos quais estabeleceu um diálogo direto com seus opositores inseridos nas trincheiras lusas, como o português Manuel Pinheiro Chagas e o maranhense Antônio Henriques Leal.

Nesse contexto o projeto maior propõe analisar os embates travados entre Alencar e os defensores de uma literatura calcada na língua portuguesa não abasileirada e forjada em estilo clássico. Para isso recorre-se a uma série de escritos de Alencar, como “O estilo na literatura brasileira”, de 1850; as “Cartas sobre *A confederação dos Tamoios*”, de 1856; a “Carta ao Dr. Jaguaribe”, de 1865, dentre outros. No bojo dos debates travados, esta investigação, em específico, debruça sobre a revista “Questões do Dia: observações políticas e literárias escritas por vários e coordenadas por Lucio Quinto Cincinnato”, que foi editada em 1871, tendo a frente o português José Feliciano de Castilho, sob o pseudônimo de Cincinnato, que foi auxiliado por outros, como o brasileiro Franklin Távora, que usou o codinome de Semprônio.

## 2. Objetivos

Procura-se abordar o teor das observações literárias realizadas por Castilho e seus colaboradores à produção literária de José de Alencar, nos textos da revista acima mencionada. Esse grupo era representante e defensor da língua portuguesa e do estilo clássico como forma de representação literária do Brasil. A intenção é examinar os argumentos expressos no combate e no ataque da perspectiva lusa contra uma literatura nacional alencariana, forjada em língua, estilo e linguagem brasileiros.

A investigação parte da seguinte problemática: como se constitui o campo intelectual oitocentista no Brasil e em Portugal, ao redor da produção literária do escritor José de Alencar e de seus interlocutores críticos, considerando a discussão estabelecida sobre as relações entre

línguas e linguagem, linguagem literária clássica e moderna, literatura portuguesa e literatura brasileira, nacional?

### 3. Metodologia

De acordo com Bloch (2000), o conhecimento histórico deve resultar de um método regressivo, que parte do presente rumo ao passado. Assim, nosso interesse específico com essa investigação é a década 70, momento em que Alencar, firmando acordo com seu tempo, sua sociedade e seu país, enfrentou acirrados ataques de seus opositores políticos que se voltaram para suas práticas políticas e também literárias.

Nesse intuito, as reflexões de Le Goff (1900, p. 545) sobre a lida com a documentação, vendo-a como “monumento”, são de grande importância, pois expressam a necessidade do historiador pensar sobre o momento que o documento foi elaborado, o lugar social de onde falava o produtor e quais as intenções ao produzi-lo. Portanto, contextualizar o corpus documental com o qual se trabalha é de fundamental importância para elucidar o lugar em que tais documentos foram produzidos, seu estilo, sua linguagem, as intencionalidades, a história do autor, a sociedade que o envolvia e penetrava o escritor e seus textos.

### 4. Resultados

O projeto e a discussão, com resultados parciais da pesquisa, foram apresentados em alguns simpósios na UFG/CAC como: VI CONPEEC - Congresso de pesquisa, Ensino e Extensão do Campus Catalão, realizado em maio de 2010 e o III Simpósio da Ciências Sociais - Campus Catalão, realizado na primeira semana de junho do corrente ano. A pesquisa está em fase inicial, pois tem o seguinte período de vigência: 01/01/2010 a 31/12/2012.

### 5. Discussão

A revista “Questões do dia” foi publicada semanalmente entre os anos de 1871 e 1872 ao longo de 40 números, os quais, depois foram reunidos em dois livros, publicados no mesmo ano pela Typographia e Litographia Imparcial, na cidade do Rio de Janeiro. Ela foi editada pelo português José Feliciano de Castilho e organizada em forma de cartas trocadas entre amigos. Assim, cada um escolheu um pseudônimo, como próprio o José Feliciano

adverte no início do primeiro volume: “Várias pessoas collaboram n’esta publicação; cada uma escolheu um pseudónimo.” (CINICINNATO, 1871, p. 2).

A revista foi pensada e produzida no contexto de discussão do projeto da Lei do Ventre Livre, ao qual Alencar opunha-se. Desta forma, inicialmente teve feição predominantemente política, mas já no seu quinto número adquiriu feições literárias, quando um dos contribuintes da revista, Franklin Távora começou a enviar cartas discutindo os romances de Alencar, criticando a maneira como ele escrevia, sua linguagem e seus enredos.

Inicialmente restrito ao âmbito da política, o embate adquiriu feições literárias quando Távora começou a enviar do Recife cartas discutindo os romances de Alencar. Enquadrando-se no modelo dos artigos estampados nas *Questões do dia*, o crítico assumiu uma máscara romana e, sob o pseudônimo de Semprônio, transmitia ao amigo Cincinato suas impressões sobre o romance. (MARTINS, 2008, p.01).

Portanto propomos analisar os dois tomos da revista, nos atendo, principalmente as observações literárias, descobrindo qual o teor das discussões travadas por esses autores em torno dos escritos de Alencar e ponderar sobre tais discussões e críticas. Em 2011 a proposta é ater-se ao tomo I e, em 2012, o tomo II.

Neste ano estamos atendo ao primeiro volume que contém 19 cartas e no próximo abordaremos o segundo livro. Primeiramente, estamos realizando uma leitura geral de todos os textos do primeiro tomo visando detectar as cartas de teor político e aquela de cunho literário. Em seguida, a intenção é ater-se ao conteúdo das cartas sobre literatura e perceber o pensamento desses intelectuais sobre o trabalho de Alencar e as posições que defendiam.

De nossas leituras podemos mencionar que neste primeiro volume a paginação não é sequenciada, visto que cada fascículo da revista tem uma numeração própria e esta foi mantida no formato em livro. Já o segundo volume possui paginação sequenciada. No primeiro tomo estão contidas as cartas de Semprônio sobre *O gaúcho*, as quais aparecem sob o título “Obras de Senio – O Gaúcho”, sendo a primeira delas contida no fascículo de n. 5 do dia 14 de setembro de 1871. Nesse volume existem ainda mais sete cartas a respeito de tal romance que constam nos fascículos de número 6, de 17/09; n. 7, de 20/09; n. 8, de 22/09; n. 10, de 30/09; n. 12, 7/10, n. 13, de 12/10; n. 14, de 15/10.

Na primeira carta sobre *O gaúcho*, presente na revista de número 5, que veio a público em 14 de setembro de 1871, sob o título “Obras de Senio – O Gaúcho”, Semprônio, após expor, rapidamente, sua compreensão sobre o romance, tratou do livro *O Guarany*, do historiador francês Gustave Aimard, no qual, segundo ele, pode-se estudar o gaúcho com proveito, encontrando “o tipo exato e não a fábula raquítica” que Alencar produziu, pois o

autor “estudou em pessoa os costume da vida nomada do pampa. Escreveu como quem viu, e não como quem idéia” (CINCINNATO, 1871, p.1).

A seu ver, devido a “isso os personagens, nessa verídica história, são de uma vitalidade eloqüente; tem toda a eflorescência da vida; e não são pálidas visões, criatura disformes, descoradas, confusas e em contraposição à verdade natural e etnográfica.” (CINCINNATO, 1871, p.2).

Tanto a concepção do cavalo do pampa, de suas características e até seus nomes, quanto aquela do homem do sul, este “apresentado como realizando o ideal do gaúcho”, são questionadas pelo crítico, que os considera como “ideados por Senio” e querem levar o leitor a um “ludibrio”. Para ele, o romancista, “para se chegar a *humanizar* a *sociedade* eqüina, não se hesita em *cavalisar* a sociedade dos homens.” Por tudo isso, para clarear as ideias, Sempronio reduziu a questão ao seguinte dilema: “ou *Gaúcho* pretende as honras de romance de *costumes*, ou satisfaz-se com o ser de mera *fantasia*.” (CINCINNATO, 1871, p.2-3).

Frente a essas duas possibilidades Távora teceu as seguintes ponderações:

No primeiro caso, protesto. Longe disso, o *Gaúcho* é desnaturado, falsissimo, apócrifo. [...] Tal qual foi concebido e executado, importa a mais pungente palinodia contra a gentileza, a masculinidade, a fama das ilustres façanhas e legendárias tradições do campeão das savanas austrais. [...] No segundo, há de permitir-nos *Senio* a franqueza de lhe declararmos que sua fantasia é das mais tristes, porque importa uma corrupção do sentimento natural e racional, o rebaixamento vivo e indecoroso da espécie. (CINCINNATO, 1871, p.2-3).

Esta primeira carta traz uma questão muito significativa relativa à questão da oposição entre observação e imaginação como elementos básicos no processo produtivo do romance e expressa uma proposta de estética realista para substituir a romântica.

## 6. Considerações Finais

A investigação, embora em fase inicial, aponta, ao que parece, para novas questões críticas no universo da recepção da obra de Alencar. Nessas cartas, aparecem, pela primeira vez, os aspectos acima tratados no que refere aos expedientes da observação e da imaginação. Até então, as censuras à produção alencariana se davam ao redor de seu “estilo frouxo e desleixado”, por escrever de forma moderna, não clássica, e usando uma língua portuguesa abasileirada pelo povo que na América a falava.

## 7. Referências

ALMEIDA, José Maurício de. *A tradição regionalista no romance brasileiro. 1857-1945*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.

BLOCH, Marc. *Apologia da História: ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BORGES, Valdeci Rezende. José de Alencar e o teatro brasileiro. In: ARANTES, Luiz Humberto Martins; MACHADO, Irley (orgs.) *Perspectivas teatrais: o texto, a cena, a pesquisa e o ensino*. Uberlândia: EdUFU, 2005. p. 71-107.

CINCINATO, L. Q. (CASTILHO, J. F.) (Coord.). *Questões do dia: observações políticas e literárias escriptas por vários e coordenadas por Lucio Q. C.* Rio de Janeiro: Typographia Imparcial, 1871. 2t.

LE GOFF, J. Documento/Monumento. In: LE GOFF, J. *História e Memória*. Campinas, SP: EdUNICAMP, 1990. p. 535-549.

MARTINS, Eduardo Vieira. *Observação e imaginação nas Cartas a Cincianato*. São Paulo; EdUSP, 2008.

MERQUIOR, J. G. De *Anchieta a Euclides: breve história da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1979.